

**A EXPECTATIVA DE VIDA HUMANA E AS GENEALOGIAS DA BÍBLIA
HEBRAICA**

HUMAN LIFE SPAN AND THE GENEALOGIES OF THE HEBREW BIBLE

Manu Marcus Hubner¹

RESUMO

A Bíblia Hebraica nos fornece a duração da vida de diversos personagens, muitos dos quais viveram centenas de anos além da expectativa de vida de um homem atual. Por outro lado, outros personagens tiveram vidas muito curtas. Este artigo faz uma comparação entre a expectativa de vida atual, a expectativa de vida de personagens bíblicos, como também de personagens históricos concomitantes.

PALAVRAS-CHAVE

Bíblia Hebraica, Arqueologia, Expectativa de Vida.

ABSTRACT

The Hebrew Bible provides us the life span of several characters, many of whom lived hundreds of years beyond today's life expectancy. On the other hand, other characters had very short lives. This paper compares today's life span with the life span of biblical and concurrent historical characters.

KEY WORDS

Hebrew Bible, Archaeology, Life Span.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Depto. de Letras Orientais da Fac. Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
marcush@usp.br

Na Bíblia Hebraica², livro do Gênese, logo antes do dilúvio, há a seguinte afirmação divina, que supostamente limita a duração da vida humana em 120 anos:

E disse o Eterno: ‘Não lutaré comigo o Meu espírito, por causa do homem para sempre, porque também ele é carne; e serão os seus dias **cento e vinte anos**’ (Gn 6:3³).

No conto sumério “Enlil e Namzitara”, possivelmente o único paralelo extra-bíblico onde a extensão máxima de uma vida humana é fixada em 120 anos, este número representa um limite absoluto, além do qual não é possível estender a vida:

Cento e vinte anos (são) os anos da humanidade – verdadeiramente é a sua *causa mortis*.⁴ (Klein, 1990, p. 59; Eng, 2011, p. 42; Cooper, 2011, p. 39-44).

Philo (1894, Livro 41: *Questions and Answers on Genesis I*, p. 28778) acredita que Deus realmente fixa o limite máximo da vida do homem em 120 anos, assim como Klein (1990, p. 59), para quem os limites de vida máximos observados estariam entre 110 e 140 anos, e, nesta faixa, apenas o número 120 possui base sexagesimal, tornando-se, assim, uma convenção conveniente. Para Ibn Ezra⁵ (*Mikraot Gedolot Meorot*, 1995, p. 131-133), esta expectativa máxima de 120 anos de vida refere-se à maioria dos homens, não a todos.

Segundo a Bíblia Hebraica, ocorreram diversas reduções do tempo de vida do homem durante sua história:

1. Da imortalidade para a mortalidade

A Bíblia Hebraica nos leva a entender que o homem recebeu como punição a mortalidade, após o pecado de Adão e Eva (Gn 3): “Com o suor do teu rosto comerás pão; até tu voltar para a terra, pois dela foste tomado; porquanto tu és pó, e ao pó hás de tornar” (Gn 3:19). Adão viveu 930 anos: “E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos; e morreu” (Gn 5:5).

² A *Torá* (“ensinamento”, segundo Berezin, 2003, p. 663) é o conjunto de livros que forma o Pentateuco. A Bíblia Hebraica, ou *Tanach*, é composta pelos livros do Pentateuco, Profetas e Escritos.

³ As abreviações dos livros da Bíblia seguem o padrão da Bíblia de Jerusalém.

⁴ Original em inglês: “One hundred twenty years (are) the years of mankind – verily it’s their bane”.

⁵ Rabbi Avraham ben Meir Ibn Ezra (Espanha, 1089-1164), rabino, filósofo, astrólogo, matemático, poeta e comentarista da *Torá*.

Há uma narrativa paralela à bíblica que também trata da perda da imortalidade: o “Mito de Adapa”, preservado em quatro fragmentos, dos quais três pertenciam à biblioteca do rei assírio Asurbanipal (668-626 A.E.C.) e o quarto foi descoberto nos arquivos do rei egípcio Amenófis IV (1377-1361 A.E.C.), em Tel-el-Amarna, no Egito. É a história de Adapa ou Adamu, um ser semidivino, filho de Ea, que se abstém do “alimento e da água da vida” que lhe proporcionariam vida eterna, seguindo o conselho de Ea. Este “alimento da vida” parece ter a mesma função da “árvore da vida” do livro do Gênese (2:9; 3:22): proporcionar a imortalidade. A diferença fundamental entre a narrativa bíblica e o mito de Adapa é que Adão perde a imortalidade por desobediência (Gn 3), enquanto Adapa a perde por obediência (Pritchard, 2011, p. 73-77; Rogers, 1912, p. 67-76).

2. As gerações pré-diluvianas – de Adão a Noé

A média de idade das dez primeiras gerações dos personagens bíblicos pré-diluvianos é de 857,5 anos.

Tabela 1. Patriarcas pré-diluvianos

Geração	Patriarca	Anos de Vida
1	Adão (Gn 5:5)	930
2	Sete (Gn 5:8)	912
3	Enos (Gn 5:11)	905
4	Cainã (Gn 5:14)	910
5	Maalalel (Gn 5:17)	895
6	Jarede (Gn 5:20)	962
7	Enoque (Gn 5:23)	365
8	Metusalém (Gn 5:27)	969
9	Lameque (Gn 5:31)	777
10	Noé (Gn 9:29)	950
Média de Anos de Vida		857,5

Os patriarcas bíblicos possuem uma longevidade excepcional, ainda que bem inferior à dos reis pré-diluvianos mesopotâmicos. Briend (1990, p. 55-58)⁶ apresenta a lista suméria de reis pré-diluvianos com vidas extremamente longas, de pouco antes de 1800 A.E.C. Nesta lista, constam os nomes de cinco cidades, com os nomes de seus reis e duração dos respectivos reinados: Eridu: atual Abu-Shahrain, a mais meridional das cidades célebres da

⁶ A lista de reis sumérios antediluvianos também pode ser conferida em Jacobsen (1939, p. 69-77); e em *The Sumerian king list: translation*, em: *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, University of Oxford, 2004, disponível em: <<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/section2/tr211.htm>>, acesso em: 04/07/2013.

antiga Mesopotâmia; Bad-Tibira: atual al Mada'in, no sul da Suméria, entre Uruk (Warka, a pátria de Gilgamesh) e Lagash; Larak: localização incerta; Sippar (Zimbar, em língua suméria), atual Abu-Habba, no norte do país, a uns trinta quilômetros ao sudoeste de Bagdá e Shuruppak: atual Fará, cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Warka.

Quando a realeza desceu do céu,
a realeza foi para Eridu.
Em Eridu, Alulin foi feito rei;
ele reinou 28.800 anos;
Alalgar reinou 36.000 anos;
(ao todo) 2 reis reinaram 64.800 anos.
Eridu caiu,
sua realeza foi transferida para Bad-Tibira.
Em Bad-Tibira, Enmenluanna reinou 43.200 anos;
Enmengalanna reinou 28.800 anos;
Dumuzi, o pastor, reinou 36.000 anos;
(ao todo) 3 reis 108.000 anos.
Bad-Tibira caiu,
sua realeza foi transferida para Larak.
Em Larak, Ensipazianna reinou 28.800 anos;
(ao todo) 1 rei reinou 28.800 anos.
Larak caiu,
sua realeza foi transferida para Zimbar.
Em Zimbar, Enmenduranna foi rei;
ele reinou 21.000 anos;
(ao todo) 1 rei reinou 21.000 anos.
Zimbar caiu,
sua realeza foi transferida para Shuruppak.
Em Shuruppak, Ubur-Tutu foi rei;
(ao todo) 1 rei reinou 18.600 anos.
5 cidades,
8 reis
que reinaram 241.200 anos.
(Então) o dilúvio ocorreu.
(Weld-Blundell Prism – WB444, em Briend, 1990, p. 55-58)

Em outro texto da mesma época (Weld-Blundell Prism – WB62), a Alulin são atribuídos 67.200 anos de reinado; a Alalgar, 72.000; a Enmenluanna, 21.600; Enmengalanna não é mencionada, mas existem dois reis de Larsa; a Dumuzi, 28.800; a Ensippaziano, 36.000; a Enmenduranno, 72.000; Ziusucha, filho de Shuruppak, 36.000 anos. Shuruppak, nome de cidade, é também nome de pessoa.

Há outro fragmento, descrito por Peterson (N3514, 2008, p. 258-260), que lista os reinados de reis pré-diluvianos mesopotâmicos cujos nomes não foram preservados, mas seus reinados duram 36.000 e 43.200 anos, a dinastia Shuruppak dura 79.200 anos e todas as dinastias pré-diluvianas mesopotâmicas juntas duram 360.000 anos.

Beroso (Rogers, 1912, p. 78-79), babilônio helenizado que escreveu, por volta de 281 A.E.C., uma história de seu país chamada *Babyloniaca*, dedicada ao rei Antíoco I (que reinou entre 281 e 260 A.E.C.), lista os nomes dos reis pré-diluvianos e a duração de seus reinados (10 reis e 432.000 anos):

1. Alorus (ou Aruru, uma forma de Ishtar, deusa-mãe dos babilônios), um caldeu da babilônia, que reinou por 36.000 anos;
2. Alaparus, filho de Alorus, comparado com Adapa ou Adamu, do “Mito de Adapa”, reinou por 10.800 anos;
3. Almelon (*amêlu* em babilônio significa “homem”), um caldeu de Paltibblon, reinou por 46.800 anos;
4. Ammenon (*ummânu* em babilônio, que significa “artesão”), um caldeu de Parmibblon, reinou por 43.200 anos;
5. Amegalarus, de Paltibblon, reinou por 64.800 anos;
6. Daonus, um pastor de Paltibblon, reinou por 36.000 anos;
7. Edoranchus (o babilônio Enmeduranki, rei de Sippar, cidade de Shamash, o deus-sol; fundador de uma agremiação hereditária de adivinhos sacerdotais; possuía um relacionamento especial com o deus-sol, e intimidade com os deuses), de Paltibblon, reinou por 64.800 anos;
8. Amenphsinus (Amel-sin, o “homem de Sin”, o deus-lua, sacerdote de Ur), um caldeu de Lanchara, reinou por 36.000 anos;
9. Otiartes (babilônio Ubara-Tutu), também caldeu de Lanchara, reinou por 28.800 anos;
10. Xisuthros (Atra-Khasis, o “sábio”, título dado a Ut-Napishtim, o herói do dilúvio), filho de Otiartes, reinou por 64.800 anos. Durante seu reinado ocorreu o grande dilúvio.

Tabela 2. Comparação entre versões das listas de reis antediluvianos babilônicos⁷

WB444 (Briend, 1990, p. 55-58) 8 reis 241.200 anos	WB62 (Briend, 1990, p. 55-58) 10 reis (incompleta) 333.600 anos	Beroso Rogers (1912, p. 78-79) 10 reis 432.000 anos
Alulin 28.800 anos; Alalgar 36.000 anos; Enmenluanna 43.200 anos;	Alulin 67.200 anos; Alalgar 72.000 anos; Enmenluanna 21.600 anos;	1. Alorus (Aruru) 36.000 anos; 2. Alaparus (Adapa) 10.800 anos; 3. Almelon 46.800 anos;

⁷ Ver também Jacobsen (1939, p. 69-77); e *The Sumerian king list: translation*, em: Electronic Text Corpus of Sumerian Literature, University of Oxford, 2004, disponível em: <<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/section2/tr211.htm>>, acesso em: 04/07/2013.

Enmengalanna 28.800 anos; Dumuzi 36.000 anos; Ensipazianna 28.800 anos; Enmenduranna 21.000 anos; Ubur-Tutu 18.600 anos.	Dumuzi 28.800 anos; Ensippaziano 36.000 anos; Enmenduranno 72.000 anos; Ziusucha 36.000 anos.	4. Ammenon (Ummânu) 43.200 anos; 5. Amegalarus 64.800 anos; 6. Daonus 36.000 anos; 7. Edoranchus (Enmeduranki) 64.800 anos; 8. Amenphsinus (Amel-sin) 36.000 anos; 9. Otiartes (Ubara-Tutu) 28.800 anos; 10. Xisuthros (Atra-Khasis) 64.800 anos.
--	--	---

Skinner (1976, p. 137-138) acredita que pode haver uma correspondência entre os dez patriarcas pré-diluvianos e os dez reis da lista de Beroso. Comparando essa lista com a genealogia bíblica, é evidente que os nomes hebraicos não derivam dos babilônios, mas pode haver uma conexão explicada pela tradução de uma língua para outra: Enos significa “homem”, Cainã significa “trabalhador”, assim como Amelu e Ummanu, respectivamente. Há um possível paralelo entre Enoque e Enmeduranki: o primeiro possuía conhecimento esotérico e foi autor de livros místicos, o segundo possuía intimidade com os deuses. O décimo nome de cada lista é o herói do dilúvio. Em resumo, são duas listas paralelas de mesmo tamanho, ambas terminam com o herói do dilúvio, ambas possuem um nome significando “homem” na terceira posição e um favorito divino na sétima posição. Não há uma conexão histórica entre as duas tradições, mas parece difícil negar que há alguma conexão entre as listas.

Segundo Chouraqi (1995, p. 76), o grande número de anos atribuídos aos personagens bíblicos corresponde a tradições mesopotâmicas, com uma diferença: na Bíblia, nenhum dos heróis anteriores ao dilúvio ultrapassa a marca dos mil anos, enquanto na Mesopotâmia eles chegam a atingir muitas dezenas de milhares de anos (de 18.600 até 65.000 anos). A longevidade dos heróis bíblicos – em torno dos novecentos anos – corresponde à longevidade dos reis sumérios da primeira dinastia após o dilúvio.

Diversas teorias foram formuladas para tentar explicar a extrema longevidade dos personagens pré-diluvianos:

- Como são poucos reis, cada um recebeu duração descomedida para preencher o grande vazio que separa as origens do mundo dos dias em que viviam os povos mesopotâmicos que possuíam estas tradições, segundo Briend (1990, p. 55-58).
- As pessoas pré-diluvianas possuíam uma enorme força física, capazes de desenraizar árvores inteiras. Animais selvagens como leões eram tão inofensivos aos homens pré-diluvianos quanto pulgas para os homens atuais. Sua força não diminuía com o aumento da idade. Viviam centenas de anos e não conheciam sofrimento físico. Uma única plantação supria a necessidade de quarenta anos. Não havia estações, nem frio

nem calor excessivos. As estações começaram a existir após o dilúvio, com a declaração divina: “Ainda em todos os dias da terra, sementeira e ceifa, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão.” (Gn 8:22). Mas essas gerações praticavam idolatria, assassinato e imoralidade, segundo Weissman (1980, p. 81-82).

- Os números da genealogia de Gn 5 foram multiplicados por 2,5 e acrescidos de 300 anos (menos Enoque, acrescido apenas de 100 anos), segundo Etz (1993, p. 186).
- A cronologia bíblica, baseada em um sistema artificial, consiste em: idade de cada patriarca ao nascer de seu primogênito, quanto cada patriarca ainda viveu após o nascimento do primogênito, e com quantos anos cada patriarca faleceu. Para Skinner (1976, p. 128-129), esta cronologia é uma invenção: uma fórmula literária precisa, dura e monótona.
- Havia a ideia de que, em época muito afastada, vivia-se mais lentamente e, portanto, por muito mais tempo, segundo Briend (1990, p. 55-58).

Naquele tempo, a criança levava 100 anos para não se sujar; uma vez crescida, passava (ainda) 100 anos sem que lhe fosse confiado um trabalho; ela era pequena, era tola; sua mãe (dela) tomava conta; seu berço era colocado no curral. (Gilgamesh, *O Dilúvio*, texto sumério de Th. Jacobsen, em Briend, 1990, p. 58)

Depois, uma raça bem inferior, uma raça de prata foi ainda criada pelos habitantes do Olimpo. Os desta raça não se assemelhavam nem pela estatura nem pelo espírito àqueles da raça de ouro. A criança, durante 100 anos, crescia brincando em casa, junto de sua digna mãe. (Hesíodo, *Lês travaux et lês jours*, VV. 127-131, trad. Paul Mazon, em Briend, 1990, p. 58)

- Talvez um “ano”, para as pessoas do antigo Oriente Próximo, tivesse um significado diferente daquele que possui hoje: este “ano”, ao invés de se basear na órbita da Terra ao redor do Sol, de 365 dias, poderia ser um “ano” baseado na órbita da Lua, de um mês, ou até mesmo uma estação, de três meses. Os gregos chamavam o “ano”, algumas vezes, de “estações” (*horoi*), segundo Hill (2003, p. 239). Talvez esta teoria não faça muito sentido, já que, se dividirmos as idades de todos os patriarcas por 12, transformando um ano em um mês, Enoque teria sido pai de Metusalém com cinco anos de idade (Enoque foi pai com 65 anos, segundo Gn 5:21, dividindo este número por 12, Enoque teria sido pai com 5,4 anos). Outra questão a se resolver com esta

teoria é a divisão do ano em quatro estações: neste caso, Noé teria sido pai de seu primeiro filho com 125 anos (segundo Gn 5:32, Noé foi pai com 500 anos).

- O dia, no passado, poderia ter uma duração menor do que a atual. Cientistas calcularam a duração do dia no período Proterozóico (2,5 bilhões a 542 milhões de anos atrás) em 18,2 horas; um ano teria 481 dias (Sonett, 1996, p. 103). Mas estas mudanças gradativas não dizem respeito ao período dos patriarcas, geologicamente recente, com apenas alguns milhares de anos.
- Os nomes dos patriarcas seriam nomes de povos ou dinastias, e não de pessoas; diversos elos das dinastias seriam omitidos, segundo Skinner (1976, p. 128-129). Neste caso, um “pai” seria o primeiro de uma dinastia, e um “filho” seria o primeiro de outra dinastia. Um “pai”, então, não poderia se encontrar com um “filho”, já que viveriam a centenas de anos um do outro. Assim, a dinastia de Noé já teria 500 anos durante o nascimento de seus descendentes (Gn 5:32); como seria possível, então, Noé conviver com seus descendentes na arca?
- Os números reais eram utilizados, na antiga Mesopotâmia, para questões administrativas, econômicas e militares do dia-a-dia; os números simbólicos, por sua vez, eram utilizados para descrever o sagrado. Números eram atribuídos para os deuses de acordo com a sua posição na hierarquia divina. Como exemplo, atribuiu-se o número 60, considerado o mais perfeito número da hierarquia, ao deus *Anu*, chefe do panteão de deuses mesopotâmicos. Nomes também possuíam um valor numérico correspondente. Durante a construção de seu palácio, o rei Sargão II (721-705 A.E.C.) declarou: “I built the circuit of the [perimeter] wall [at Khorsabad] of 16,283 cubits, the number of my name” (Contenau, 1954, p. 166). Os números sagrados utilizados pelos mesopotâmios proporcionavam uma dignidade e respeito a pessoas importantes ou a um texto, e se encaixavam em sua visão de simetria e harmonia. O propósito destes números seria numerológico, simbólico, e não numérico. Sendo assim, o número de anos vividos de cada personagem, dentro do contexto mesopotâmico, seria simbólico, e não real; as genealogias bíblicas não proporcionariam uma escala cronológica real, mas serviriam para registrar a linha de descendência de um povo, segundo Hill (2003, p. 239, 249).

3. As dez primeiras gerações pós-diluvianas – de Sem a Abraão

Após o dilúvio, a média de idade dos personagens bíblicos (10 gerações seguintes) cai abruptamente para 299,6 anos (35% ou aproximadamente 1/3 da média pré-diluviana).

Tabela 3. Gerações de Sem a Abraão

Geração	Patriarca	Anos de Vida
11	Sem (Gn 11:10-11)	600
12	Arfaxade (Gn 11:12-13)	438
13	Salá (Gn 11:14-15)	433
14	Héber (Gn 11:16-17)	464
15	Pelegue (Gn 11:18-19)	239
16	Reú (Gn 11:20-21)	239
17	Serugue (Gn 11:22-23)	230
18	Naor (Gn 11:24-25)	148
19	Tera (Gn 11:26, 32)	205
20	Abraão (Gn 25:7)	175
Média de Anos de Vida		299,6

Além desses nomes, a Bíblia Hebraica também nos fornece os anos de vida da patriarca Sara, esposa de Abraão: 127 anos (Gn 23:1).

A primeira dinastia de reis sumérios pós-diluvianos também apresenta uma longevidade impressionante, apesar de estar muito aquém daquela apresentada pelos reis pré-diluvianos. Assim como na Bíblia Hebraica, a redução da média de idade dos reis pós-diluvianos cai abruptamente.

Tabela 4. Primeira dinastia de reis sumérios pós-diluvianos de Kish⁸

Geração ⁹	Rei Sumério	Anos
11	Jushur (Ga-ur)	1200 anos
12	Kullassina-bel	960 anos
13	Nangishlishma	670 anos
14	En-tarah-ana	420 anos
15	Babum	300 anos
16	Puannum	840 anos
17	Kalibum	960 anos

⁸ Segundo Jacobsen (1939, p. 77-85) e *The Sumerian king list: translation*, em: Electronic Text Corpus of Sumerian Literature, University of Oxford, 2004, disponível em: <<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/section2/tr211.htm>>, acesso em: 04/07/2013.

⁹ Considerando as 10 primeiras gerações pré-diluvianas de Beroso.

18	Kalumum	840 anos
19	Zuqaqip	900 anos
20	Atab (A-ba)	600 anos
21	Mashda	840 anos
22	Arwium	720 anos
23	Etana	1500 anos
24	Balih	400 anos
25	En-me-nuna	660 anos
26	Melem-Kish	900 anos
27	Barsal-nuna	1200 anos
28	Zamug	140 anos
29	Tizqar	305 anos
30	Ilku	900 anos
31	Iltasadum	1200 anos
32	En-me-barage-si	900 anos
33	Aga ou Aka	625 anos

A média de vida dos reis pré-diluvianos da lista de Beroso é de 43.200 anos; a média de vida dos reis sumérios pós-diluvianos da primeira dinastia de Kish é de 796,4 anos, ou seja, a média de vida cai para 1,85% (quase 2%) da anterior. Uma queda de 98%.

4. Os Patriarcas – de Isaac a Moisés

A média de idade dos personagens listados na Tabela 6 das gerações de Isaac a Moisés (6 gerações seguintes) também cai assustadoramente: 142,3 anos (48% ou aproximadamente a metade da média das primeiras gerações pós-diluvianas). Podemos perceber que há um decréscimo em quase todas as idades, de geração a geração; conseqüentemente, esta média seria possivelmente ainda menor caso fizéssemos esses cálculos com dez gerações.

Tabela 5. Gerações de Isaac a Moisés

Geração	Patriarca	Anos de Vida
21	Isaac (Gn 35:28)	180
22	Jacob (Gn 47:28)	147
23	Levi (Ex 6:16)	137
24	Kehat (Ex 6:18)	133
25	Amram (Ex 6:20)	137
26	Moisés (Dt 34:7)	120
Média de Anos de Vida		142,3

Segundo Polter (2004), os filhos de Jacob, formadores das doze tribos do povo de Israel, viveram em torno de 120 anos: Rubem: 125 anos (p. 25); Simão: 120 anos (p. 27); Levi: 137 anos (p. 28); Judá: 119 anos (p. 31); Dan: 125 anos (p. 39); Naftali: 133 anos (p. 41); Gad: 125 anos (p. 45); Asher: 123 anos (p. 46); Issachar: 122 anos (p. 52); Zevulun: 114 anos (p. 54); José: 110 anos (p. 60); Benjamin: 109 anos (p. 64). A média de idade dos filhos de Jacob é, então, 121,8 anos.

Os irmãos de Moisés, Miriam e Aarão, viveram, respectivamente, 126 (Kantor, 2005, p. 69, 78) e 123 anos (Nm 33:39).

Após a geração de Moisés, a Bíblia Hebraica não nos fornece dados sobre a longevidade de muitos personagens. Temos como exemplos, em ordem cronológica, José, que viveu 110 anos (Gn 50:26); Josué, que viveu também 110 anos (Js 24:29; 1 Jz 2:8); o sacerdote Eli, que viveu 98 anos (1 Sm 4:15); e o rei David, que viveu 70 anos (2 Sm 5:4; 1 Rs 2:11). Segundo o Talmud¹⁰ (Taanit 5b), o profeta Samuel viveu 52 anos. É possível notar que a redução de vida do homem continuou. Duas exceções encontradas no texto da Bíblia Hebraica são: o sacerdote Joiada (2 Cr 24:15), contemporâneo do rei Joás (841–795 A.E.C.), descendente do rei David, que viveu impressionantes 130 anos (o rei Joás viveu 47 anos!), e a própria narrativa bíblica torna este número de anos especial: “Envelheceu Joiada e morreu farto de dias”; e Jó, que viveu mais de 140 anos: “Depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. Então, morreu Jó, velho e farto de dias” (42:16-17). Porém, é difícil precisar quando e quanto este personagem viveu. O Talmud discute quando viveu Jó: no tratado Baba Batra 15b há a afirmação de que Jó viveu na época de Jacob; segundo os tratados Sota 11a e Sanedrin 106a, Jó foi contemporâneo de Balaam e de Itró; segundo Baba Batra 14b, Jó “viveu nos dias de Moisés”. Sobre sua longevidade, o Talmud, em Baba Batha 15a-b, supõe que tenha vivido 210 anos.

5. Os reis de Judá

Conforme já mencionamos, o rei David viveu 70 anos (2 Sm 5:4; 1 Rs 2:11) e o profeta Samuel viveu 52 anos (Talmud Taanit 5b). Segundo Kantor (2005, p. 94), o rei Salomão também viveu 52 anos. O Talmud (Sanhedrin 69b) cita a longevidade de outros personagens desta época: Doeg (1 Sm 21:7; 22:9, 18, 22) viveu 34 anos, e Ahitofel (2 Sm

¹⁰ *Talmud* quer dizer “instrução, estudo” (Berezin, 2003, p. 669), uma das obras fundamentais do Judaísmo, considerada sua “lei oral”, que consta de discussões rabínicas sobre diversos temas como leis, ética e filosofia. Possui dois componentes: a *Mishná*, compilada em 220 d.C., e a *Guemará*, por volta de 500 d.C.

17:23), por sua vez, viveu 33 anos. A redução do tempo de vida dos personagens bíblicos continua sendo drástica.

A cronologia dos reis de Judá nos livros de Reis e Crônicas nos permite determinar a idade alcançada por quatorze reis que reinaram entre 926 e 597 A.E.C.

Tabela 6. Idades dos Reis

Reis de Judá	Anos de Vida
Roboão (1 Rs 14:21; 2 Cr 12:13)	58
Josafá (1 Rs 22:42; 2 Cr 20:31)	60
Jorão (2 Rs 8:17; 2 Cr 21:5, 19)	40
Acasias (2 Rs 8:26; 2 Cr 22:2)	23
Joás (2 Rs 11:21; 2 Cr 24:1)	47
Amazias (2 Rs 14:2; 2 Cr 25:1)	54
Azarias ou Uzias (2 Rs 15:1-2; 2 Cr 26:3)	68
Jotão (2 Rs 15:33; 2 Cr 27:1)	41
Acáz (2 Rs 16:2; 2 Cr 28:1)	36
Ezequias (2 Rs 18:1-2; 2 Cr 29:1)	54
Menassés (2 Rs 21:1; 2 Cr 33:1)	67
Amom (2 Rs 21:19; 2 Cr 33:21)	24
Josias (2 Rs 22:1; 2 Cr 34:1)	39
Joaquim (2 Rs 23:36, 24:6; 2 Cr 36:5)	36
Média de Anos de Vida	46

As idades variam entre 23 e 68 anos, e a média de idade dos reis é de apenas 46 anos (32% ou aproximadamente 1/3 da média de vida das gerações que viveram entre Abraão e Moisés).

Como os reis e príncipes são mais bem cuidados que as pessoas comuns, a expectativa de vida das pessoas comuns deve ser bem menor que a expectativa de vida dos reis, segundo Wolf (1996, p. 119).

Resumo

Tabela 7. Reduções dos Anos de Vida de Personagens Bíblicos

Gerações	Média de Anos de Vida	Redução Percentual (em relação ao grupo anterior)
10 Gerações pré-diluvianas (Adão a Noé)	857,5	-
10 Gerações pós-diluvianas (Sem a Abraão)	299,6	65%
Patriarcas Isaac a Moisés (6 gerações)	142,3	52%
Reis de Judá (14 reis)	46,0	68%

Para Sarna (1989, p. 46), a duração da vida humana é drasticamente encurtada representando degeneração moral e espiritual, como também para Von Rad (1972, p. 69-70), que acredita que devemos entender a lenta diminuição da duração da vida humana como uma deterioração gradual da sua fantástica vitalidade original, uma deterioração correspondente à sua crescente distância do seu ponto de partida, a criação.

Para o salmista, o homem deve aspirar viver entre 70 e 80 anos de idade: “os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é cansada e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos” (90:10). De acordo com o livro de Crônicas (1 Cr 29:28), setenta anos são considerados “uma boa velhice” (“Morreu em ditosa velhice”). Segundo Isaías (23:15), a expectativa de vida de um rei deve ser de setenta anos: “Naquele dia, Tiro será posta em esquecimento por setenta anos, segundo os dias de um rei”. Mas, de acordo com o mesmo profeta, existe a esperança de uma era de salvação, na qual o mais jovem viverá até cem anos: “Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado” (65:20).

Paralelamente às aspirações concernentes à expectativa de vida dos autores bíblicos, alguns documentos extrabíblicos se destacam. Um deles é o papiro egípcio Insiger, do primeiro século E.C., que traz as aspirações de uma vida vivida até 100 anos.

He who has passed sixty years, everything has passed for him. (17:11)

He (man) spends ten (years) as a child before he understands death and life. (17:22)

He spends another ten (years) acquiring the work of instruction by which he will be able to live. (17:23)

He spends another ten years gaining and earning possessions by which to live. (18:1)

He spends another ten years up to old age before his heart takes counsel. (18:2)

There remain sixty years of the whole life which Thoth has assigned to the man of god. (18:3) (Lichtheim, 1980, p. 198-199)

O Talmud (Avot 5:24) discute o tempo de vida do homem: “aos cinco anos deve começar a estudar as Escrituras; aos dez, a *Mishná*; aos treze, tem de cumprir as *mitsvót*; aos quinze, deve começar a estudar a *Guemará*; aos dezoito, está pronto para casar; aos vinte, para a perseguição; aos trinta, a força plena; aos quarenta, a compreensão; aos cinquenta, para o conselho; aos sessenta, para a velhice; aos setenta, para a velhice com maturidade; aos oitenta, para a força espiritual; aos noventa, se encurva; aos cem, é como se estivesse morto e saído do mundo.”

Os levitas exerciam suas funções apenas até os cinquenta anos de idade.

Da idade de trinta anos para cima até aos cinquenta será todo aquele que entrar neste serviço, para exercer algum encargo na tenda da congregação. (Nm 4:3, 23, 30, 35, 39, 43, 47)

Dentre os pergaminhos do Mar Morto, de Qumran, há um documento chamado de War Scroll (1QM)¹¹, que descreve as idades designadas para cargos militares. Curiosamente, os encarregados podem ter até 60 anos de idade.

Those who ride them shall be men capable in battle, trained in horsemanship, the range (coluna 6, linha 13)
of their age from thirty to forty-five years. The horsemen of the army shall be from forty to fifty years old, and they (coluna 6, linha 14)
(...) and the men of the army shall be from forty to fifty years old. The commissioners of the camps shall be from fifty to sixty years old. The officers (coluna 7, linha 1)
shall-also be from forty to fifty years old. All those who strip the slain, plunder the spoil, cleanse the land, guard the arms, (coluna 7, linha 2)
and he who prepares the provisions, all these shall be from twenty-five to thirty years old. (coluna 7, linha 3)

Existem exemplos de personagens históricos com vidas longas, como é o caso da mãe de Nabonidus (556-539 A.E.C.), Adad Guppi, que viveu 104 anos (Klein, 1990, p. 69; Jonsson, 2004, p. 115-116). Alguns reis tiveram longos reinados, o que nos leva a acreditar que tiveram, conseqüentemente, vidas longas: Shulgi, rei de Ur entre 2097 e 2049 A.E.C., 48 anos de reinado; Hammurabi, rei da Babilônia entre 1792 e 1750 A.E.C., 43 anos de reinado; Assurbanipal, rei da Assíria entre 668 e 627 A.E.C., 42 anos de reinado (Eng, 2011, p. 36; Jonsson, 2004, p. 115); Nabucodonosor, rei da Babilônia entre 604 e 562 A.E.C., 43 anos de reinado (Josephus, *Against Apion*, 2008, p. 336, em nome de Beroso)¹²; no Egito, há também diversos exemplos, tais como os reis da Vigésima-Sexta Dinastia, Psamético I, que reinou por 54 anos entre 664 e 610 A.E.C., e Amasis, que reinou por 44 anos entre 570 e 526 A.E.C. (Jonsson, 2004, p. 143), ou o incrível reinado de 94 anos do faraó Péops II (2287-2187 A.E.C.), o quinto rei da Sexta Dinastia.

¹¹ O texto completo do Qumran War Scroll (1QM) está disponível em: <<http://www.qumran.org/js/qumran/hss/1qm>>, acesso em: 01/07/2013.

¹² Este é também o mais longo reinado do Cânone Real de Cláudio Ptolomeu, que viveu entre 70 e 165 E.C., e cuja lista de reis vai de Nabonassar, da Babilônia – 747-734 A.E.C. até o imperador romano Antonino Pio – 138-161 E.C., segundo Jonsson (2004, p. 95), como também da lista de reis de Uruk, que engloba o período entre os reis Kandalano – 647 A.E.C. até Seleuco II – 126 A.E.C. (ibid., p. 107, 115); não há reinados mais longos registrados pelo documento *Assyrian and Babylonian Chronicles*, de Grayson (2000).

Roth (1987, p. 717) destaca uma carta do 13º século A.E.C., do faraó Ramsés II para o rei hitita Hattusili III, ofertando o envio de um médico que saiba preparar ervas medicinais, para que Matanazi, a irmã do rei hitita, já com 60 anos de idade, possa voltar a conceber filhos. Os médicos de Ramsés pareciam saber como fazer uma mulher conceber em idade avançada.

...your brother the king know Matanazi my brother's sister. (...) She is sixty years old. (...) And so allow (me) the king your brother to send you a skilled exorcist and a skilled physician, and they can prepare medicinal herbs for her to enable her to conceive.

Segundo Roth (1987, p. 737-738), na Mesopotâmia do primeiro milênio A.E.C., os homens de trinta anos de idade, mesmo primogênitos, já não possuíam pais vivos. No império romano do segundo ao terceiro séculos E.C., apenas quatro por cento dos adultos com 44 anos de idade possuíam pais vivos.

A expectativa de vida do homem durante a História variou bastante, mas manteve-se bem abaixo dos 120 anos:

Tabela 1. Expectativa de vida do homem durante a História¹³

Neandertal	29 anos
Cromagnon	32 anos
Idade do Cobre	36 anos
Idade do Bronze	38 anos
Impérios Grego e Romano	36 anos
Inglaterra do século 5	30 anos
Inglaterra do século 14	38 anos
Europa do século 17	51 anos
Europa do século 18	45 anos
Estados Unidos do século 19	47 anos
Estados Unidos do século 20	68 anos

Segundo Eng (2011, p. 43), estes aumentos na expectativa de vida do homem nos últimos séculos podem ser explicados, principalmente, pelo decréscimo da taxa de mortalidade infantil, resultante da melhora no acesso aos cuidados médicos e melhor dieta.

¹³ KENDING, Frank; HUTTON, Richard. *Life-Spans or How Long Things Last*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979, p. 8, em Eng (2011, p. 36). Expectativas de vida dos Estados Unidos segundo Eng (id, p. 43).

Nos tempos atuais, a expectativa de vida no Brasil é de 74,08 anos¹⁴. A maior expectativa de vida mundial é do Japão, 82,73 anos, enquanto a menor é da República Central Africana, 45,91 anos¹⁵.

BIBLIOGRAFIA

BEREZIN, Jaffa Rivka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 1995.

BÍBLIA. Hebraico. *Mikraot Gedolot Meorot*. Vol. 1: Gênesis. Jerusalém: Bruchman, 1995.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. 2ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira D'Almeida. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

BÍBLIA. Português. *Torá: A Lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. São Paulo, Sefer, 2001.

BRIEND, Jacques et alii. *A Criação e o Dilúvio Segundo os Textos do Oriente Médio Antigo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No Princípio*. Gênesis. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CONTENAU, G. *Everyday life in Babylon and Assyria*. London: Edward Arnold, 1954.

COOPER, Jerrold S. *Puns and Prebends: The Tale of Enlil and Namzitara*, em: HEIMPEL, Wolfgang; FRANTZ-SZABÓ, Gabriella [ed.]. *Strings and Threads: A Celebration of the Work of Anne Draffkorn Kilmer*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2011, pp. 39-44,

¹⁴ IBGE - *Sala de Imprensa: Tábuas Completas de Mortalidade 2011*, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2271&id_pagina=1>, acesso em: 17/02/13.

¹⁵ *Life expectancy at birth (years)*, UN World Population Prospects 2010, disponível em: <<http://www.un.org/esa/population/unpop.htm>>, acesso em: 17/02/13. Segundo Eng (2011, p. 43), a maior expectativa de vida do mundo é a de Andorra (Europa, entre a França e a Espanha), 83,5 anos.

disponível em: <<http://neareast.jhu.edu/pdf/KilmerFS%20Namzitara.pdf>>, acesso em: 25/06/2013.

ENG, Milton. *The Days of Our Years: A Lexical Semantic Study of the Life Cycle in Biblical Israel*. New York: T&T Clark International, 2011, disponível em <<http://www.books.google.com.br/books?isbn=0567025039>>, acesso em: 25/06/2013.

ETZ, Donald V. *The Numbers of Genesis V 3-31: A Suggested Conversion and Its Implications*, em: Vetus Testamentum, Vol. 43, Fasc. 2 (Apr., 1993), pp. 171-189, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1519351>>, acesso em: 07/06/2010.

GRAYSON, Albert Kirk. *Assyrian and Babylonian Chronicles*. Parte II. Winona Lake (Indiana): Eisenbrauns, 2000, pp. 69-87, disponível em: <http://www.caeno.org/_Nabonassar/pdf/Grayson_Chronicles%20Chr%201.pdf>, acesso em: 26/06/2013.

HILL, Carol. *Making Sense of the Numbers of Genesis*, em: Perspective on Science and Christian Faith, Vol. 55, No. 4 (Dec., 2003), p. 239-251, disponível em: <<http://www.asa3.org/ASA/PSCF/2003/PSCF12-03Hill.pdf>>, acesso em: 24/06/2013.

JACOBSEN, Thorkild. *The Sumerian King List*. Chicago: The University of Chicago Press, 1939, disponível em: <<http://oi.uchicago.edu/pdf/as11.pdf>>, acesso em: 04/07/2013.

JONSSON, Carl O. *The Gentile Times Reconsidered*. Cap. 3: The Length of Reigns of The Neo-Babylonian Kings. Atlanta: Commentary Press, 2004, pp. 89-152, disponível em: <<http://kristenfrihet.se/english/gtr4/contents.htm>>, acesso em: 25/06/2013.

JOSEPHUS, Flávio. *Against Apion*. Trad. William Whiston. s/l: Mobile Reference, 2008, Kindle Edition.

KANTOR, Manis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2005.

KLEIN, Jacob. *The 'Bane' of Humanity: a Lifespan of One Hundred Twenty Years*, em: Acta Sumerologica, No. 12 (1990), pp. 57-70.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature*. Volume III: The Late Period. Los Angeles: University of California Press, 1980.

MUNK, R. M. *The Wisdom in the Hebrew Alphabet*. New York: Mesorah, 1983.

PETERSON, Jeremiah. *A New Sumerian Fragment Preserving an Account of the Mesopotamian Antediluvian Dynasties*, em: Aula Orientalis No. 26 (2008), p. 257-262, disponível em: <<http://www.aulaorientalis.org/AuOr%20escaneado/AuOr%2026-2008/AuOr%2026-2008-2/2-4-Peterson-Antediluvian-Fragment-def.pdf>>, acesso em: 25/06/2013.

PHILO. *The Works of Philo Judaeus of Alexandria*. Trad. Charles Duke Yonge. London: H. G. Bohn, 1894, Kindle Edition.

POLTER, Moshe. *The Shevatim: The Blessings and History of the Tribes of Israel as They Appear in the Torah*. Jerusalém: Targum Press, 2004.

PRITCHARD, James B. [ed.]. *The Ancient Near East: An Anthology of Texts & Pictures*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 2011.

ROGERS, Robert William. *Cuneiform Parallels to the Old Testament*. New York: Eaton & Mains, 1912.

ROTH, Martha T. *Age at Marriage and the Household: A Study of Neo-Babylonian and Neo-Assyrian Forms*, em: Comparative Studies in Society and History, Vol. 29, No. 4. (Oct., 1987), pp. 715-747, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/178823>>, acesso em: 25/06/2013.

SARNA, Nahum. *The JPS Torah Commentary. Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

SKINNER, John. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. 2ª Ed. Edinburgh: T & T Clark Ltd., 1976.

SONETT, C. P. [et. al.] *Late Proterozoic and Paleozoic Tides, Retreat of the Moon, and Rotation of the Earth*, em: Science, New Series, American Association for the Advancement of Science, Vol. 273, No. 5271 (Jul. 5, 1996), pp. 100-104, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2890055>>, acesso em: 04/07/2013.

VON RAD, Gerhard. *Genesis: A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1972.

WEISSMAN, M. *The Midrash Says: The Book of Beraishis*. New York: Benei Yakov Publications, 1980.

WOLFF, Hans Walter. *Anthropology of The Old Testament*. Mifflintown (PA): SCM Press Lt & Fortress Press, 1996.

SOFTWARES

Bible Hub, Glassport (PA), 2013, disponível em: <biblos.com>.

Judaic Classics: The Soncino Talmud. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.

Bible Works. Versão 5.0. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

Judaic Classics Library. Versão 2.2. New York: Judaica Press, 2001.